



Evento	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	Estágio de docência na Educação de Jovens e Adultos: Conhecimentos tramados na prática dialógica.
Autor	ELAINE LUIZA FOSS MONTEMEZZO
Orientador	ALINE LEMOS DA CUNHA

O presente trabalho diz respeito a um estudo qualitativo com estudantes do curso de Pedagogia da UFRGS as quais, matriculadas no 7º semestre, realizam seu estágio de docência com turmas de Educação de Jovens e Adultos. Aqui trataremos de um dos âmbitos da pesquisa, o que se refere a estas estudantes. Neste estudo, também dialogamos com as professoras regentes das turmas nas quais são realizados os estágios e com professoras de artesanato. Durante o Seminário de Docência em EJA (Disciplina que acompanha o estágio), em 2011/1, 2011/2 e 2012/1, apresentamos a pesquisa e convidamos as estudantes a participar da mesma. Até o momento foram entrevistadas 7 estagiárias e realizados dois workshops, onde duas destas estudantes expuseram suas experiências na EJA. Ao dialogar com estas estudantes, temos por objetivo acompanhar as estratégias das estagiárias, para problematizar e refletir sobre as “Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas” (CUNHA, 2010), tensionando pedagogias escolares e não escolares no sentido de aprimorar as propostas educativas com turmas de Educação de Jovens e Adultos nos Anos Iniciais. As entrevistas foram gravadas, tabeladas de acordo com as temáticas presentes nas falas e posteriormente transcritas. Como resultados parciais da pesquisa, podemos relatar que as práticas das estagiárias convergem com os elementos de análise propostos por Cunha (2010) quando se refere às pedagogias da não-formalidade, mesmo em ambiente escolar: corporeidade, sensibilidade, saúde mental, estética do trabalho e emancipação. Sol e Lua (2011/1), em seus depoimentos, manifestam que os estudantes não se restringem a uma mente onde se depositam conhecimentos, mas que apresentam, nas aulas, sua corporeidade (corpo e mente indissociáveis). Tendo em vista isto, propuseram aos estudantes sair do enclausuramento da sala de aula, com saídas programadas e outros passeios. Consideraram, também, que o contato corpo-a-corpo com estes educandos é primordial. Vãfy (2011/2) dedicou-se à problematização dos estereótipos do povo indígena e ao letramento, percebendo a não neutralidade do professor. Destacou também a importância de atividades diversificadas e de possibilidades de diálogo para além do prescrito no ambiente escolar. Sempre Viva e Camélia (2012/1) ousaram a docência compartilhada, aperfeiçoando o diálogo com os estudantes, discussões de temas cotidianos e propondo reflexões acerca do conceito de Corpo Social. Sendo assim, produziram um alfabeto cidadão, mesmo com as dificuldades de fazê-lo, buscando superar formas tradicionais e fragmentadas de ensino. Para as estudantes, estes momentos diferenciados na escola, contribuem na sensibilização dos educandos, chamando-os à participação e promovendo saúde mental. Além da possibilidade de reflexão, segundo as estudantes, os educandos têm a experiência de se perceberem como sujeitos capazes de aprender (estética do trabalho – expressando o significado das aprendizagens). Estes aspectos contribuem com seus processos emancipatórios, já que sua autonomia é elemento fundamental na prática educativa, segundo os depoimentos e nossas análises até então.